

# O TEMPO CURRICULAR EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL\*

Cristiane Elvira de Assis Oliveira\*\*

Bianca Recker Lauro\*\*\*

## Resumo

Este artigo vem apresentar uma pesquisa que teve o objetivo de conhecer como a escola de educação em tempo integral vinha organizando o seu currículo e saber quais eram as percepções dos/das professores/as que trabalham em uma das escolas de educação em tempo integral do município de Juiz de Fora/MG quanto à organização do currículo. Segundo as análises das entrevistas, para os/as professores/as, a organização do tempo curricular está relacionada: às atividades realizadas com as crianças; ao tempo quantitativamente ampliado das crianças e não um tempo qualitativamente aproveitado pelos/as professores/as em suas aulas; ao tempo perpassado pelo cuidar e o educar; e ao tempo extremamente cronológico. O que se percebe é que os/as professores/as têm refletido sobre essa questão, buscando a reorganização do currículo no atendimento a essa nova organização do tempo, desenvolvendo atividades diversificadas, ligadas ao cuidar e ao educar.

**Palavras-chave:** Tempo. Currículo. Educação.

## INTRODUÇÃO

Nunca se discutiu tanto como nos dias atuais o tempo na escola, principalmente o tempo nas escolas de educação em tempo integral. Para enriquecer as discussões que hoje estão sendo traçadas, este artigo vem apresentar uma pesquisa que teve o objetivo de conhecer como a escola de educação em tempo integral vinha organizando o seu currículo e saber quais eram as percepções dos/das professores/as que trabalham em uma das escolas de educação em tempo integral do município de Juiz de Fora quanto à organização do currículo.

Na segunda metade do século XX, ocorreram grandes mudanças. O tempo e o espaço perderam sua rigidez, as fronteiras se abriram. As mudanças instauraram uma nova ordem. Vivemos uma transição que gera insegurança diante do desconhecido, do inusitado. Para alguns, a perda das certezas, para outros a possibilidade de múltiplas verdades que depende dos múltiplos olhares.

Essa nova ordenação característica da Atualidade apresenta-se-nos como uma crise de paradigmas. As concepções são colocadas em xeque e passamos a encarar o mundo de outra forma.

---

\* Texto produzido a partir do projeto *Tempos na Escola*, sob a orientação da professora Dra. Luciana Pacheco Marques, financiado pelo CNPq e pela FAPEMIG.

\*\* Aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora e bolsista de IC/FAPEMIG. cristianeelvira@yahoo.com.br

\*\*\* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, professora e coordenadora da rede municipal de Juiz de Fora. biancalauro@oi.com.br

A literatura, o cinema e o teatro anunciaram o que a ciência veio a descobrir. A arte já há muito anunciava a abordagem multidisciplinar, rompendo a rigidez da concepção newtoniana de espaço-tempo.

A tecnologia tem dado um grande incentivo quanto a isso – como a Internet, espaço expandido que propicia estar em vários espaços, num tempo que deixa de ser linear e se faz simultâneo. Presente, passado e futuro acabam por dividir o mesmo *espaçotempo*. Marques (2001) usa uma metáfora de um leque para explicar o tempo nos dias de hoje, cujas varetas representariam, cada uma, a ocorrência de um evento, enquanto o seu conjunto representaria a simultaneidade de todos os eventos. Essa mudança na concepção de tempo traz implicações para toda e qualquer organização escolar, inclusive para as escolas de educação em tempo integral; com a ampliação do horário, faz-se necessário repensar para além das questões do tempo da escola.

O tempo denominado na Modernidade é um tempo de ordem, de coerência, do aprisionamento de tudo o que é vago, o futuro certo e seguro de si mesmo, o passado do que acreditamos ser e não fomos ou não pudemos ser (SKLIAR, 2003).

Veiga-Neto (2006) nos diz que o que se iniciava na ruptura do medieval para o moderno era uma nova geometria e uma nova temporalidade no mundo europeu. A separação medieval entre espaço interno (rígido, sensorial, percorível, doméstico) e espaço externo (fluido, desconhecido, misterioso, mágico) foi substituída pela separação entre espaço e lugar. O lugar passou então, a ser entendido e vivido como projeção neste chamado mundo sensível, de um espaço ideal.

A continuidade, como duração, como tempo infinito, como um passo sem saltos, como princípio e final de cada uma e de todas as coisas, é uma construção do tempo que serve para proibir seu contrário, isto é, proibir a descontinuidade, o salto, a irrupção, a ruptura; em síntese, um tempo que serve para proibir a diferença. (SKLIAR, 2003, p. 43)

Já não é o tempo passado ou o tempo presente o que nos preocupa, mas a irrupção do presente traço marcante da Modernidade. Um presente tomado como referência para se pensar o passado e o futuro. Para o pensamento Moderno, o presente constitui a emergência de um possível que se articula ao universal, à humanidade (MARQUES, 2001). Segundo Skliar (2003, p. 40), “O tempo tornou-se nos inconstante, não-linear e não-circular ou, ao menos, não somente constante, linear e ou/circular”.

A Modernidade foi e é pensada como um tempo de ordem, estabilidade e precisão. Um tempo linear ou cíclico. Os eventos ocorrem de forma sucessiva, cronologicamente ordenados. Dessa forma, o tempo funciona como um ordenador, um instrumento de controle e disciplina.

Para Viñao Frago e Escolano (2003), a invenção do relógio e sua difusão social que se originou nos começos do século passado, foi o que ocasionou a cisão espaço-tempo que se opera com a Modernidade e que supõe uma ruptura com a estreita vinculação que ambas tiveram nas culturas pré-modernas. “Ele marca as horas de entrada na escola e de saída delas, os tempos de recreio e todos os momentos da vida e da instituição. A ordem temporal se une, assim, à do espaço para regular a organização das primeiras aprendizagens” (Ibid, p. 44).

As horas do dia sempre estiveram associadas aos espaços em que transcorriam as atividades, até que a Modernidade introduziu a uniformidade do tempo mediante a medida do relógio mecânico. O relógio foi incorporado ao edifício-escola organizador da vida da comunidade e também da infância.

Para esses autores, o tempo, como o espaço, não é uma propriedade “natural” dos indivíduos, mas sim uma ordem que tem que ser aprendida, uma forma cultural que deve ser experimentada.

Os relógios tanto escolares como domésticos regulam a conduta diária, ensinam a organizar as primeiras percepções cognitivas de temporalidade e ga-

rantem a internalização dos valores da exatidão, da aplicação e da regularidade.

O relógio colocado na escola perpetua a cronometria apreendida durante a infância na vida dessas comunidades, constituindo-se assim num símbolo cultural e num mecanismo de controle social de duração.

De acordo com Elias (1998), os relógios não medem o tempo; medem, sim, a duração de um dia de trabalho ou de um eclipse.

Os relógios ocupam um lugar eletivo dentre os dispositivos destinados a representar o tempo, entretanto não são o tempo. Quer se trate dos relógios ou do curso aparente do Sol ao redor da Terra, os instrumentos de determinação do tempo são sempre sequências observáveis de acontecimentos, ou, no caso dos calendários, sequências simuladas de acontecimentos, sob uma forma escrita ou impressa.

A palavra “tempo”, diríamos, designa simbolicamente a relação que um grupo humano, ou qualquer grupo de seres vivos dotados de uma capacidade biológica de memória e de síntese estabelece entre dois ou mais processos, um dos quais é padronizado para servir aos outros como quadro de referência e padrão de medida (Ibid, p. 39-40).

O autor ainda diz que os segundos, as horas, os dias de 24 horas, ou todas as outras subdivisões do movimento contínuo de um cronômetro, seguem regularmente uns aos outros, de acordo com uma linha de sucessão unidirecional. Assim, cada segundo, cada hora, cada dia é único e não repetível, nunca mais voltam. Mas a duração de qualquer um destes socialmente padronizados como “segundo”, “hora”, “mês” ou “ano” dura exatamente tanto quanto qualquer outro segundo ou hora, mesmo numericamente diferentes. A duração própria dessas unidades de tempo que se sucedem numa série não repetível se reproduz; torna-se possível fazer referência a essas unidades de tempo para comparar a duração de acontecimentos sucessivos que pertençam a outras sequências.

Os relógios só podem exercer sua função quando as configurações formadas por seus ponteiros, as horas indicadas por eles, são comuns à totalidade de um grupo humano. Eles perderiam o papel de instrumentos de medida do tempo se cada indivíduo construísse seu próprio tempo. E essa, para Elias (Ibid), é uma das fontes do poder coercitivo que o “tempo” exerce sobre os indivíduos.

Estes acabam se comportando de acordo com o “tempo” instituído pelo grupo a que pertencem, e, quanto mais se alongam e se diferenciam as cadeias de interdependência funcional que ligam os homens entre si, mais severa torna-se a ditadura dos relógios.

Conforme Elias (Ibid), existem etapas na evolução das sociedades em que os homens não encontram problemas que exijam uma sincronia ativa das ocupações de seu grupo com outras mudanças que ocorrem no universo.

Determinamos temporalmente nossas atividades, pautando-nos no ritmo das pulsões biológicas: comemos quando temos fome, dormimos quando nos sentimos cansados. Em nossas sociedades esses ritmos biológicos são regulados em função de uma organização social, que obriga os homens a se disciplinarem, pautando seu relógio fisiológico no relógio social.

Já nas sociedades mais simples, isso não acontece, pois a regulação do relógio fisiológico depende mais diretamente das possibilidades oferecidas ou negadas pela natureza externa ou por outros homens exploráveis, para atender às necessidades dos indivíduos.

Nessas sociedades, os homens podem ir à caça quando sentem fome e parar de se esforçar quando estão saciados. Podem deitar quando começa a escurecer e se levantar ao nascer do sol. Diferente de nós que, muitas vezes, vivemos nossas vidas baseadas nos ponteiros dos relógios.

Para Veiga-Neto (2006), o currículo foi a peça principal da maquinaria que foi a escola na fabricação da Modernidade. Ele propiciou à escola assumir uma posição fundamental na instauração de novas práticas

cotidianas, de novas distribuições espaciais e temporais. E o mais importante: foi pelo currículo que a escola contribuiu decisivamente para a abstração do tempo e do espaço e para o estabelecimento de novas articulações entre ambos. Segundo Veiga-Neto (op. cit., n. p.), “O currículo imprimiu uma ordem geométrica, reticular e disciplinar, tanto aos saberes quanto à distribuição desses saberes ao longo de um tempo”.

Em termos **temporais**, o currículo engendrou/engendra rotinas e ritmos para a vida cotidiana de todos que têm algo a ver com a escola. Foram vários dispositivos criados para controlar o uso do tempo de alunos/as e professores/as.

Em termos **espaciais**, o currículo funcionou/funçiona como o grande dispositivo pedagógico que recolocou, em termos modernos, a invenção grega da fronteira como o limite a partir do qual começam os *outros*; o limite a partir do qual os outros passam a existir para nós, o limite a partir do qual a *diferença* começa a se fazer problema para nós. O currículo ainda contribui para fazer do *outro um diferente* e por isso um problema para todos/as nós.

## 1. QUESTÃO DE ESTUDO

Nossa questão de estudo foi conhecer como a escola de educação em tempo integral vinha organizando o tempo curricular. A fim de conhecer tal questão, entrevistamos quatro professoras e um professor de uma dessas escolas pertencente ao município de Juiz de Fora, com o objetivo de saber quais eram suas percepções quanto à organização do currículo na escola em que trabalham. Essa escola contempla a educação infantil para crianças de 4 e 5 anos de idade.

Silva (2002, p. 169) diz que “A ampliação do ‘tempo escolar’ precisa vir acompanhada de uma nova visão de escola e de seu papel social”. No entanto, o que se tem percebido é que essa escola tem se organizado em torno do tempo de permanência dos/as alunos/as na escola e não como uma escola de educação em tempo integral.

Cavaliere (1996) aponta que o aumento do horário escolar coloca em pauta algum tipo de mudança curricular, constituindo uma prática de educação integral.

Diante disso, a escola de educação em tempo integral necessita rever e fazer modificações no seu currículo. Segundo Cavaliere (1994, p. 16), “pensar sobre o currículo é pensar sobre pontos como aquisição-transmissão e produção de conhecimento, conscientização, conhecimento universal e saber popular”.

## 2. ANÁLISES

Uma primeira análise sobre a organização do tempo curricular está intimamente ligada ao cuidar, como se verifica na fala de Thaís<sup>1</sup>: *cuidar da higiene das crianças, levá-las para lavar as mãos, fazê-las comer de tudo, dizer para mastigar corretamente, levá-las para escovar os dentes e para o relaxamento*. Na hora do relaxamento alguns dormem, outros não. Para os que não dormem, ela utiliza músicas infantis, histórias, desenhos e brinquedos. Acrescenta que o/a professor/a que fica no período do almoço tem como função: *fazer a higienização antes do almoço, fazer eles comerem de tudo e mediar a hora do relaxamento, mesmo que eles não durmam, mas repousem*.

Esse fato é explicado por Luz (2006), que diz que a educação infantil, no Brasil, tem sua história relacionada ao funcionamento das creches, que surgiram como solução para as mães que precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar seus filhos/as. Nas creches, as crianças recebiam os cuidados básicos de alimentação e higiene.

Outra forma de perceber o tempo curricular é através das atividades realizadas com as crianças. Paula ilustra tal questão dizendo que divide o tempo da melhor maneira possível para as crianças não ficarem cansadas. Ela trabalha com atividades dirigidas, jogo da memória, jogo de dominó, passa anel, estabelece tempo livre no parque com as crianças, deixando-as brincarem

do que querem; no final, direciona uma atividade para todas as crianças participarem: as crianças brincam de amarelinha, corda. Tenta contar mais de uma história por dia e faz jogos com os nomes das crianças. Procura movimentá-las o tempo todo para não ficarem só sentadas. Programa o tempo das atividades; caso tal atividade esteja prendendo a atenção das crianças, continua o desenvolvimento da mesma; do contrário, propõe outra. Trabalha ainda com escrita dirigida: utiliza o alfabeto móvel e o bingo de letras; assim, as crianças formam palavras.

Paula se adapta ao tempo cronometrado, desenvolvendo um trabalho diversificado e criativo.

Outra maneira de se perceber a organização do tempo curricular é demonstrada por Sampaio (2002), enunciando que se tem muito mais um tempo quantitativamente ampliado, principalmente o das crianças, mas ainda não há um tempo qualitativamente aproveitado pelos/as professores/as em suas aulas.

Isso se verifica na fala de Bruna: *o horário a cumprir é muito segmentado, por exemplo: se às 14h dou o lanche, 14:30h tenho que sair da sala para o professor de educação física entrar; este ainda leva os alunos para lavar as mãos e dá o jantar, ficando 20 minutos de aula.*

O recorte do horário em um determinado dia da semana, mencionado pela professora, ilustra essa situação:

- 14:30h- professor de educação física entra na sala;
- 14:50h- leva as crianças para lavarem as mãos;
- 15:00h- leva as crianças para o jantar;
- 15:20h- leva as crianças para escovarem os dentes;
- 15:30h- o professor deixa a sala e a professora de música termina com a escovação.

Bruna conclui: *o professor não pode atrasar, pois se atrasar atrapalha a rotina das outras turmas, funcionando na base do relógio.*

Poliana completa: *as aulas de artes têm apenas sessenta minutos, o que dificulta pesquisar sobre o interesse do aluno e envolver a turma. No início da aula abre-se um baú*

*da imaginação e no final passa-se uma guilhotina (o tempo) cortando todo o momento mágico de produção, com isso os projetos e as produções das crianças são fragmentadas.*

Trazendo esta questão para o nosso entendimento, percebemos que esse horário fragmentado inviabiliza o desenvolvimento e a qualidade das aulas, constituindo a concepção do currículo tradicional, tornando-nos muitas vezes escravos do relógio.

Bruna também percebe a organização do tempo curricular como um *tempo perpassado pelo cuidar e o educar. Os momentos de higienização e alimentação passam pelo cuidar e não deixa de educar e quando está educando não deixa de estar cuidando.*

Como diz Kuhlmann Jr. (2003, p. 60), “A caracterização da instituição de educação infantil como lugar de *cuidado-e-educação*, adquire sentido quando segue a perspectiva de tomar a criança como ponto de partida para a formação das propostas pedagógicas”. Isso se completa na fala da mesma professora: *as atividades em si trabalham o respeito, a autonomia, a cooperação, a solidariedade, as frustrações e as temáticas propostas pela coordenação nas reuniões pedagógicas.* Segundo ela, são atividades próprias dos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil. Essas atividades educativas integram conhecimentos e saberes e podem se desenvolver para além dos espaços-tempos formais da escola.

Caio menciona, sobre a organização do tempo curricular, o seguinte: *a criança nessa escola tem carência de atividades e a gente se torna sua família, porque o maior tempo da criança está com a gente, vão chegar em casa depois das 6h, jantar e vão deitar. As aulas de educação física, arte são um escape das aulas dentro da sala de aula. A gente não fica preso só a disciplina, além da recreação, jogos, dança, atividades em geral, o professor de educação física auxilia as atividades diárias, como escovação, hora do lanche, do sono. As crianças na escola regular não têm isso.*

Esse professor propõe que com a ampliação do tempo quantitativo se diversifique as atividades, vendo o/a profissional de educação física e artes como fundamental para ocupação desse tempo. Ainda coloca este/a professor/a envolvido/a em todo o processo escolar.

Uma última análise sobre a organização do tempo curricular é mencionada por Poliana: *um tempo extremamente cronológico, priorizando as necessidades funcionais da escola e não da criança*. Essa percepção se explica no pensamento Moderno que considera o tempo como linear, sendo que a escola ainda não superou essa noção de tempo. Aspectos do tempo da Modernidade ainda configuram-se na escola, tais como: uma organização burocrática, tempos fragmentados e rígidos, determinados por marcadores, sirenes, relógios, grades curriculares, calendários, horários, agendas, entradas e saídas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas escolas de educação em tempo integral, a discussão que está sendo feita é principalmente em relação ao tempo integral e à educação integral.

Entendemos o tempo integral como um aumento quantitativo das horas em que as crianças passam dentro de uma instituição escolar, um tempo expandido. E educação integral como um aumento qualitativo do tempo das crianças, uma expansão de oportunidades e situações que promovam aprendizagens significativas e emancipadoras. Um aumento do tempo de se educar na escola onde os conteúdos devem ser (re)significados, revestidos de sentidos para os/as alunos/as. “Não acreditamos que haja “tempos” ou “espaços” ideais ou modelos a serem indistintamente seguidos. O que deve haver, sim, são formas estruturadas de organização e aproveitamento do espaço e do tempo disponíveis, tendo em vista os objetivos propostos” (KRAMER, 1997, p. 73).

Consideramos que escola a de educação em tempo integral deva possibilitar um tempo não apenas quantitativo, mas também qualitativo. Nas palavras de Gonçalves (2006, p. 5):

Quantitativo porque considera um número maior de horas, em que os espaços e as atividades propiciadas têm intencionalmente caráter educativo. E qualitativo porque essas horas, não apenas as suplementares, mas todo o período escolar, são uma oportunidade em que os conteúdos propostos possam ser ressignificados, revestido de caráter exploratório, vivencial e protagonizado por todos os envolvidos na relação de ensino-aprendizagem.

Porém, não podemos ficar restritos somente à questão do tempo do/a aluno/a, mas também atentos ao tempo do/a professor/a, um tempo coletivo formado pelos/as profissionais da escola.

No espaço coletivo de uma escola pública de horário integral, por exemplo, esse foco permitirá parcerias entre conhecimento e saberes, construindo sentidos para o sentido de cada pessoa envolvida que participa de momentos de debate, de reuniões entre educadores-alunos-comunidade, onde inclusive outras linguagens se insiram (COELHO, 2007, n. p.).

Para nós, já está mais do que provado que uma escola que se proponha a oferecer uma educação integral precisa ter um coletivo coeso que se una para oferecer essa educação. Uma escola de educação integral só será possível se esse coletivo for coerente e se os/as profissionais tiverem consciência de seu papel de educadores/as integrais.

Portanto, o que se percebe é que a organização do tempo curricular nesta escola de educação em tempo integral precisa ser reorganizada, uma vez que os/as professores/as relatam a supremacia de um tempo cronológico não aproveitado em sua extensão qualitativa. No entanto, os/as professores/as têm refletido sobre essa questão, buscando a reorganização do currículo no atendimento a essa nova organização do tempo, desenvolvendo atividades diversificadas, ligadas ao cuidar e ao educar.

## CURRICULAR TIME ALLOCATION IN A FULL-TIME EDUCATION SCHOOL

### Abstract

The notion of time is currently undergoing a breaking period which is reflected on the school process. Time goes from being thought of in a linear form and is now considered simultaneous. This change in the conception of time brings implications to any school organization, including full-time education schools. Expanding time spent at school requires rethinking beyond school time. In this view, full-time education school needs to reassess and make changes to its curriculum. Based on this, this article presents a piece of research whose object was to understand how full-time education schools had been organizing their curriculum and find out the perceptions that teachers had at one of these schools in the city of Juiz de Fora, state of Minas Gerais, Brazil, as far as curriculum organization was concerned. According to the interviews, the teachers said that curricular time organization is related to the following: activities done with children; the children's quantitatively expanded time and not the time qualitatively used by the teachers in their classes; the time spent in caring for and educating; and to the extremely chronological time. It is possible to see that teachers have been reflecting on this issue seeking to reorganize the curriculum to meet this new organization of time by developing different activities associated with caring for and educating.

**Key words:** Time. Curriculum. Education.

### NOTAS

- 1 Os nomes das professoras e do professor que constam neste texto são pseudônimos.

## REFERÊNCIAS

- CAVALIERE, Ana Maria Villela. *Escola de educação integral: em direção a uma educação escolar multidimensional*. 1996. 193f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- COELHO, Lígia Matha Coimbra da Costa. *Escola pública de horário integral: um tempo (fundamental) para o ensino fundamental*. Disponível em: [http://www.educacaoonline.pro.br/escola\\_publica.asp?f\\_id\\_artigo=145](http://www.educacaoonline.pro.br/escola_publica.asp?f_id_artigo=145). Acesso em: 20 jun. 2007.
- ELIAS, Nobert. *Sobre o tempo*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorhe Zahar, 1998.
- GONÇALVES, Antonio Sérgio. *Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral*. Cadernos Cenpec, São Paulo, n. 2, p. 1-10, 2006.
- KRAMER, Sônia. *Com a pré-escola nas mãos – uma alternativa curricular para educação infantil*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- KUHLMANN JR, Moysés. Educação infantil e currículo. In: FARIA, Ana Maria Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (Orgs.). *Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios*. 4. ed. rev. amp. Campinas: Autores Associados, 2003. p. 51-65.
- LUZ, Iza Rodrigues da. Tempos e espaços escolares na educação infantil. *Presença Pedagógica*. São Paulo, v. 12, p. 30-37, set./out. 2006.
- MARQUES, Carlos Alberto. *A imagem da alteridade na mídia*. 2001. 248f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- SILVA, Yrlla Ribeiro de Oliveira Carneiro da. A proposta de alfabetização dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs). In: COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa; CAVALIERE, Ana Maria Villela (Orgs.). *Educação brasileira e(m) tempo integral*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 168-181.
- SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença e se o outro não estivesse aí?* Tradução Giani Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- VEIGA-NETO, Alfredo. De geometrias, currículo e diferenças. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 79, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10853.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2006.

VIÑAO FRAGO, Antônio; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade*. Tradução Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Enviado em 06 de junho de 2008

Aprovado em 10 de outubro de 2008